



Pedro Castro*

P(l)ay Azores Airlines

A Play é uma companhia aérea islandesa low-cost com uma frota de 10 aviões da família Airbus A320, que se especializou em ligar passageiros entre a América do Norte e a Europa, trocando de avião na Islândia, onde propõe voos de conexão imediata ou um stopover para conhecer a ilha. Este modelo de “hub” e stopover no meio do oceano soa familiar, certo? A Islândia, um país isolado, ultraperiférico, com uma população pequena e sujeita à força da natureza — desde a fúria dos vulcões à severidade dos seus invernos — depende muito do transporte aéreo, até mesmo para as ligações entre as cidades costeiras do país que contam apenas com uma longa estrada circular. Porém, ao contrário do que é feito noutros países, na Islândia o setor das companhias aéreas não é tratado como um tema de Estado, nem está dependente dos contribuintes islandeses. Estas empresas existem e operam de forma totalmente privada, com o Estado a atuar apenas como facilitador de políticas públicas: incentiva a pluralidade no setor, cria campanhas para atrair o turismo no Inverno, ajudando a combater a sazonalidade de toda uma rede de negócio, na qual se inclui o transporte aéreo. Ao perceber que Rei que já vi que, até então o único aeroporto internacional, se estava a tornar um funil, o governo islandês investiu na conversão de dois aeroportos domésticos para internacionais, um no norte e outro no leste, e lançou um programa para atrair novas companhias aéreas para estas regiões que está agora a colher os frutos dessa descentralização. No caso particular da companhia Play, nem tudo lhe terá corrido bem. O sonho de se tornar uma “ponte” entre os continentes não resultou como esperado. Embora a companhia tenha batido recordes de passageiros, de destinos e de receita, no final das contas o balanço financeiro é o que importa. E quando o resultado final é negativo, quem paga o prejuízo? Felizmente para os contribuintes islandeses, o fracasso da Play não lhes afeta diretamente o bolso e o setor aéreo está hoje suficientemente diversificado para seguir com uma autonomia saudável. A Play, por seu lado, está agora a rever a sua estratégia. A ideia de manter

um “hub” para conectar dezenas de destinos americanos e europeus revelou-se insustentável e a nova abordagem será focar-se nos destinos mais populares para os próprios islandeses e nos principais mercados emissores de turistas para a Islândia. O destino final e ponto de partida será, naturalmente, a própria Islândia, em vez de tentar competir em 39 destinos entre os dois continentes com preços que não cobrem os custos operacionais e que dificilmente podem ser aumentados porque a concorrência neste eixo do Atlântico Norte é feroz e implacável.

Esta dose de realismo é precisamente o que falta à Azores Airlines. Não só o realismo, mas também a vergonha e a responsabilização da sua administração em relação ao uso de dinheiros públicos sob o pretexto de “ligar os Açores ao mundo e o mundo aos Açores”. A prática atual desta intenção poética resume-se a um ciclo caótico de prejuízos pagos pelos contribuintes e que pouco ou nada lhes beneficia. Basta experimentar viajar do Faial ou da Graciosa para Milão ou Barcelona via Ponta Delgada no mesmo dia. É impossível! Já fazê-lo de Boston ou de Toronto... é mais rápido, e por vezes, mais barato!

Enquanto a Islândia aprendeu a deixar as suas companhias aéreas evoluírem sem a intervenção direta do Estado, os Açores continuam a optar pela rota do desperdício ineficaz dos recursos públicos. O que era para ser uma estratégia de conexão com o mundo tornou-se, na prática, num monopólio estatal centralizante, impenetrável, pouco eficiente e um fardo financeiro pago por todos os Portugueses. É tempo de uma nova abordagem, mais sustentável e menos dependente do contribuinte, para que a Azores Airlines possa, tal como a Play, focar-se em servir melhor quem realmente importa: os açorianos e todos os que desejam visitar o arquipélago. E já agora fazê-lo de forma lucrativa — *yes, we can!*

* Consultor em Aviação Comercial e Turismo

Méritos no desporto e no ensino abrem “novos horizontes” ao futuro da juventude, diz Pedro Nascimento Cabral

O Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral, afirmou, no Coliseu Micaelense, que o sucesso no desporto é complementar ao mérito escolar e está a contribuir para abrir “novos horizontes” profissionais e desportivos à juventude açoriana.

“Todos os atletas que aqui estão demonstram que o mérito escolar coexiste perfeitamente com o mérito desportivo. Estou certo que essa complementaridade está já a abrir novos horizontes ao futuro dos nossos jovens e do desporto açoriano”, destacou.

Falando na sessão de abertura da 9.ª edição da iniciativa “Reconhecer o Mérito Desportivo Escolar”, promovida pela Associação de Futebol de Ponta Delgada, Pedro Nascimento Cabral defendeu ainda que o desporto constitui-se como uma autêntica “escola de valores”.

“Esta extraordinária actividade que é o desporto é uma autêntica escola de valores e universidade de vida; Forma a nossa juventude e eleva as gerações que ‘amanhã’ assumirão responsabilidades nos mais variados quadrantes da sociedade”, frisou.

Nesta nona edição da iniciativa, a Associação de Futebol de Ponta Delgada premiou cerca de 170 jovens praticantes de futebol e futsal que representam 17



clubes e frequentam um total de 18 instituições de ensino da ilha de São Miguel.

Para Pedro Nascimento Cabral, os atletas agraciados são já “verdadeiros exemplos” para os que os rodeiam, pelo que devem também estimular os colegas a trilhar o mesmo percurso de sucesso tanto a nível académico, como desportivo.

“Se cada um de vocês conseguir trazer um amigo para o desporto ou ajudá-lo a

ter boas notas, para o ano estaremos aqui, ainda mais orgulhosos, a galardoar novos vencedores”, exortou.

Perante uma sala com centenas de encarregados de educação, professores, dirigentes e treinadores, o Presidente do Município quis agradecer o contributo de todos para o êxito dos jovens agraciados.

De uma forma particular, quis também elogiar o “trabalho árduo e altruísta”

que tem sido desenvolvido pelo Presidente da Associação de Futebol de Ponta Delgada, Robert Da Camara, e colocado ao serviço do desporto açoriano.

“Efectivamente, o Robert Da Camara encarna um dirigismo positivo, construtivo e de excelência, que bem pode servir de exemplo a muitas outras associações”, vincou.

A Câmara Municipal de Ponta Delgada tem vindo a apostar na modernização das infra-estruturas desportivas do concelho, com especial destaque para o investimento de um milhão de euros na requalificação do Campo de Futebol de São Roque e para a já programada obra de substituição do relvado sintético Campo de Jogos de Santo António, orçada em cerca de 750 mil euros.

No que ainda respeita à garantia de melhorias nos recintos desportivos destinados à prática de futebol, a autarquia requalificou as infra-estruturas e os sistemas de iluminação do Jácôme Correia e do Campo de Jogos do Águia dos Arrifes, num investimento total de 190 mil euros.

Para cumprir com as exigências complementares das modalidades, onde se inclui o futsal, o município encontra-se a preparar os projectos de cobertura de cinco campos de jogos do concelho de Ponta Delgada.